

“NO EROTISMO EU ME PERCO”: O DESEQUILÍBRIO CONSCIENTE DA PERSONAGEM HYUNG EM *A VEGETARIANA*, DE HAN KANG

“*IN EROTICISM I LOST MYSELF*”: THE CONSCIOUS IMBALANCE OF THE CHARACTER HYUNG IN THE VEGETARIAN, BY HAN KANG

João Pedro da Silva Anteloⁱ

 <https://orcid.org/0000-0002-5681-5685>

Samuel Lima da Silvaⁱⁱ

 <https://orcid.org/0000-0003-4135-5513>

Resumo: O presente artigo aborda o modo como o erotismo se configura na personagem Hyung, na obra *A vegetariana* (2007), de autoria de Han Kang. Para Bataille (2023), o erotismo é um desequilíbrio em que o próprio ser se coloca conscientemente. Nesse sentido, o trabalho em comento busca evidenciar os elementos eróticos que levam a referida personagem a um completo estado de desequilíbrio consciente em face do desejo erótico. Nessa pesquisa, corroboram, com maior ênfase, os estudos de Georges Bataille, no que se refere ao erotismo. São acrescentados, ainda, outros referenciais, os quais também colaboram na efetivação da análise proposta no *corpus* deste artigo. Conclui-se que a personagem Hyung experimenta as sensações de desequilíbrio e do excesso como forças que, embora dolorosas, podem levar a uma compreensão mais profunda e libertadora da essência humana.

Palavras-chave: A vegetariana; desequilíbrio; erotismo; excesso; transgressão.

Abstract: *This article addresses how eroticism is configured in the character Hyung in Han Kang's work The Vegetarian (2007). For Bataille (2023), eroticism is an imbalance in which the self consciously places itself. In this sense, this work seeks to highlight the erotic elements that lead the aforementioned character to a complete state of conscious imbalance in the face of erotic desire. This research strongly corroborates Georges Bataille's studies on eroticism. Other references are also added, which also contribute to the analysis proposed in this article. It is concluded that the character Hyung experiences sensations of imbalance and excess as forces that, although painful, can lead to a deeper and more liberating understanding of the human essence.*

Keywords: *The vegetarian; imbalance; eroticism; excess; transgression.*

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2025.n2.75256

Recebido em: 05/08/2025

Aprovado em: 15/11/2025

ⁱ Doutorando em Estudos Literários, pela Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT. Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3303067791181221>. E-mail: joao.antelo@unemat.br.

ⁱⁱ Doutor em Estudos Literários (UNEMAT). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da UNEMAT. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8916586222469576>. E-mail: samuel.lima@unemat.br.



“No erotismo: Eu me perco”.

Bataille (2023, p. 55)

Como podemos observar por meio da epígrafe deste artigo, o teórico francês Georges Bataille (2023) pontua que no erotismo o sujeito renuncia ao controle e se deixa levar pelos impulsos que atingem o seu ser. Nesse sentido, Han Kang (2018), escritora do romance *A vegetariana*¹, dá início ao segundo capítulo da obra, sob o título “A mancha mongólica”. Especificamente nesse capítulo, guiados por um narrador em terceira pessoa, somos apresentados a Hyung, personagem este que aparece pouco nas linhas do primeiro capítulo, mas que, na segunda parte, ganha destaque. É precisamente por meio do narrador que começamos a acompanhar o processo de desequilíbrio consciente desta personagem em análise. A fim de entender todo o processo de desequilíbrio e perda, utilizamos os estudos de Bataille (2023), que nos apresenta o erotismo na experiência interior do ser humano.

Todavia, antes de iniciarmos propriamente os estudos da temática proposta nesta pesquisa, vale a pena apresentar os escritos de Barthes (2015) em sua obra *O Prazer do texto*, os quais corroboram nossos estudos e trazem uma definição sobre as sensações sentidas enquanto lemos cada linha do romance em análise. Para este autor, o prazer do texto:

Não se trata do prazer do *strip-tease* corporal ou do suspense narrativo. Em ambos os casos, não há rasgão, não há margens; há uma revelação progressiva: toda a excitação se refugia na esperança de ver o sexo (sonho de colegial) ou de conhecer o fim da história (satisfação romanesca). Paradoxalmente (visto que é de consumo de massas), é um prazer bem mais intelectual do que o outro: prazer edipiano (desnudar, saber, conhecer a origem e o fim) (Barthes, 2015, p. 16).

Tal como a personagem que analisamos nesta pesquisa – que busca o prazer e, nessa busca, perde-se, experimenta o desequilíbrio –, o leitor também experimenta as sensações descritas por Barthes (2015) no fragmento anterior. Assim, eivados pelos desejos eróticos apresentados a Hyung, é possível iniciar nossa análise acerca do momento em que essas sensações são nele desencadeadas. O desequilíbrio do personagem começa a partir de uma conversa com a sua esposa sobre a mancha mongólica do filho. No diálogo, a cômpute menciona que a mancha mongólica pode demorar a sair, já que a que a irmã dela tinha na bunda persistiu até os vinte anos de idade. Logo após esse diálogo, notamos a busca de Hyung

¹ Nesta pesquisa, utilizamos a edição de 2018 do romance *A vegetariana*, traduzido por Jae Hyung Woo, publicado pela Editora Todavia.

por verificar se a cunhada ainda possuía a mancha mongólica e, então, acompanhamos o desequilíbrio consciente no qual ele mesmo se coloca em nome dos desejos eróticos.

Para Bataille (2023, p. 55), o erotismo é: “[...] o desequilíbrio em que o próprio ser se coloca em questão, conscientemente. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se identifica com o objeto que se perde”. Desse modo, a personagem inicia sua busca erótica e, ao mesmo tempo, começa a se abandonar, a transgredir e a quebrar os limites entre o eu e o outro. Como observamos no seguinte excerto:

A mulher de seus rascunhos não tinha rosto, mas era sim, sua cunhada. Ou melhor, tinha que ser ela. A primeira vez que a desenhou, imaginando seu corpo nu, que nunca tinha visto, e estampando nele uma pequena mancha azul no meio das nádegas, experimentou uma leve excitação, acompanhada de uma ereção: Ele não experimentava uma coisa assim, provocada por algo definido, desde que tinha se casado, com trinta e poucos anos. Então, quem era o homem sem rosto que abraçava aquela mulher, como se a estivesse esganando enquanto a penetrava? Tinha que ser ele. Ele sabia disso muito bem. Quando chegou a essa conclusão, seu rosto se contorceu (Kang, 2018, p. 61).

Notamos que o desejo nutrido por sua cunhada é tão grande que mesmo Hyung sabendo que sob a ótica dos padrões sociais é errado uma relação com ela, o personagem se sente excitado; e, neste sentido, o narrador nos evidencia que esse sentimento há muito não era sentido por Hyung. Neste ponto analítico, começamos a entender a seguinte afirmativa de Bataille (2023, p. 55): “no erotismo, eu me perco”. Sob essa perspectiva, observamos que a personagem começa a apresentar uma fixação excessiva por sua cunhada. A partir do ponto de ignição (que foram as palavras da esposa sobre a mancha mongólica), Hyung não consegue pensar em outra coisa que não seja o corpo desejado da cunhada. O narrador nos revela que esse desejo ficou reprimido por um tempo, ao nos informar que, desde o começo do relacionamento, ele nutria um desejo por ela. Vejamos:

Por muito tempo buscou um jeito de escapar daquela imagem. Mas não havia saída. Não havia no mundo outra representação tão forte e atraente como aquela. Faltava-lhe vontade de trabalhar em qualquer outra coisa. Todas as exposições, filmes ou espetáculos aos quais assistia lhe pareciam sem graça, por um único motivo, *não era aquela imagem* (Kang, 2018, p. 61, grifo nosso).

É possível notar que o desejo pelo corpo do outro faz tudo perder a graça. Por meio do fragmento negrito, observamos que nada mais faz aquele sujeito sentir prazer; pelo contrário, somente a realização de seu desejo é evocada. Nessa experiência vivenciada por Hyung, percebe-se o interdito que Bataille (2023, p. 62) nos afirma, sobretudo quando escreve que “a experiência interior do erotismo exige daquele que a faz uma sensibilidade não menor



à angústia que funda o interdito do que ao desejo que leva a infringi-lo”. Nessa lógica, com essa busca que se estende por quase todo o segundo capítulo, o leitor presencia o dilaceramento gradativo desta personagem.

No excerto a seguir, o desejo pela cunhada se mostra tão grande que Hyung força uma relação sexual com sua esposa. Toda a cena é desdobrada de forma agressiva, e os pensamentos da personagem estão sempre no objeto desejado: o corpo da cunhada. E, de modo mais específico, na mancha que ela carrega nas nádegas:

Não queria ouvir o tom nasal da voz dela, por isso lhe tapou a boca. No escuro, *não era a esposa que ele imaginava, e sim a cunhada*, pensando em sua silhueta, nariz e lábios. Colocou na boca o mamilo endurecido da mulher e arrancou sua calcinha. *Cada vez que a imagem da pequena pétala esverdeada se impunha e ameaçava desaparecer, ele fechava os olhos e apagava o rosto da esposa* (Kang, 2018, p. 79, grifos nossos).

Corroborando os estudos sobre o erotismo, verificamos que há um excesso por parte da personagem. Hyung, movido por um desejo interior, força sua esposa a praticar sexo. Nessa seara, acerca do excesso, podemos trazer à discussão a pesquisa de Silva e Silva (2024), que apesar de trabalhar o excesso especificamente na prosa hilstiana, pode nos ajudar a entender a perda e o desequilíbrio a que estamos nos referindo no presente artigo. Logo, para os supracitados autores, o excesso é: “como uma experiência ontológica, como uma força que move, empurra e perturba o ser para uma saída de si” (Silva; Silva, 2024, p. 182). Assim, notamos Hyung movido por uma experiência que perturba o seu ser e que lhe faz cometer os excessos eróticos mencionados anteriormente.

Na ótica de Dumoulié (2007, p. 11), o excesso é: “uma experiência menos quantitativa do que qualitativa, senão ontológica. De modo que, enquanto afeto, ele é sentido como uma força interior que empurra a sair da intimidade do seu ser”. Desse modo, o conceito apresentado pelo autor ao excesso é: força que transcende os limites do ser, revelando-se como uma experiência que não pode ser definida apenas por sua intensidade, tal como no fragmento anterior da obra em análise, mas por sua disposição de perturbar e transformar a existência desse ser. E, por conseguinte: essa energia interior que estimula o indivíduo a romper o mais íntimo da sua própria interioridade. Nesse ponto, o excesso se apresenta como um movimento que abala o equilíbrio, desafiando as fronteiras entre o racional e o instintivo. Nesse contexto, observamos a maneira como essa potência age tanto como força motriz quanto como quebra, levando o ser a explorar territórios emocionais e ontológicos que escapam à lógica habitual de sua experiência. Notemos:

Estava saindo tudo à perfeição, conforme tinha imaginado. O abrir e o fechar da flor vermelha, com seu pau feito um pistilo gigante, repetiam-se por cima da mancha mongólica. Sentiu um calafrio. Era a união grotesca entre as mais belas imagens com as mais feias, tudo ao mesmo tempo. Sempre que fechava os olhos, via o pegajoso líquido vegetal verde de seus sonhos espalhando-se pela barriga, púbis e coxas (Kang, 2018, p. 109).

Notamos no fragmento supratranscrito que as personagens estão transgredindo as regras. As imagens apresentadas – flores, pau, pistilo gigante e mancha mongólica – mostram-nos algo que o próprio narrador definirá como grotesco. Contudo, as personagens provam dessa transgressão e quebram as barreiras da crisálida. Ademais, de acordo com os estudos de Bataille (2023), os sentimentos que surgem com o excesso precisam ser sentidos, haja vista que, para o autor, aqueles que não experimentam, ou experimentam de maneira furtiva, por conseguinte, não romperão com o casulo e dificilmente terão uma experiência interior. Assim, o autor assevera que experimentar essas sensações nada tem de doentio, apenas mostra uma transformação do ser. Para o autor (2023, p. 62):

Esses sentimentos nada têm de doentio; mas são, na vida de um homem, o que a crisálida é para o animal perfeito. A experiência interior do homem é dada no instante em que, quebrando a crisálida, ele tem a consciência de dilacerar a si mesmo, não a resistência oposta de fora. A superação da consciência objetiva, que as paredes da crisálida limitavam, está ligada a essa inversão.

Logo, notamos a profundidade da experiência interior na ótica batailliana, que nos evidencia como um processo de transformação muitas vezes é doloroso e inevitável. Quando o autor apresenta a metáfora da crisálida, mostra-nos que para que essa experiência aconteça é preciso romper com as limitações impostas pela consciência objetiva, e, então, permitir que o indivíduo possa alcançar uma noção mais plena de si mesmo. Quando o sujeito se dilacera, ele abandona as barreiras internas e externas que reduzem a sua existência, abrindo então caminho para uma reflexão sobre a sua própria identidade. Dessa forma, para Bataille (2023), há uma conexão entre sofrimento e transcendência. Ele afirma que apenas ao enfrentar essa ruptura é que podemos alcançar uma compreensão profunda e libertadora acerca da essência humana. Por certo, o pensamento batailliano desafia a lógica habitual, convidando-nos a reconsiderar o papel do desequilíbrio e do excesso como forças transformadoras na vida humana.

Ainda nesse sentido, a teórica Eliane Robert Moraes percebe o excesso a partir de uma densa e cintilante paisagem evocativa dos sentidos, como se observa no excerto a seguir:



Daí a pertinência em associar a perda ao excesso, essa noção instável que pertence tanto ao domínio da filosofia quanto ao da literatura e que, de fato, supõe menos um conteúdo específico do que uma série de operações simbólicas particulares. Experiência do desregramento e da dilapidação, a escrita que lhe corresponde implica invariavelmente um voto de fé na transgressão que se valer por reiteradas subversões de paradigmas (Moraes, 2023, p. 34).

A autora compreende o excesso como uma experiência intimamente ligada à transgressão, associando-o à subversão de quaisquer normas ou engessamentos. Nesse âmbito, a escrita do excesso intensifica ainda mais o texto em que o erotismo é textualizado, fazendo com que seus personagens permaneçam sempre à beira do abismo, sob a iminência do risco erótico, diluindo-se em múltiplos outros, em um desequilíbrio permanente e consciente. É, pois, nessa urdidura que Hyung se exaspera, empreendendo uma jornada que o leva a reinterpretar e questionar os próprios desejos. Em “A mancha mongólica”, a nódoa que se percebe reside fundamentalmente na fissura causada pelo excesso erótico dos personagens, fazendo, metaforicamente, com que essa mancha se expanda em vermelho por toda a imaginação febril de Hyung, que, na presença de Yeonghye, “queria devorá-la viva e assim descobrir o que estava pensando” (Kang, 2018, p. 77).

Ao final do segundo capítulo, a personagem analisada – a crisálida, tal como apresentada por Bataille – comete a transgressão. O que vemos a partir desse ponto é uma completa perda de si, como na cena transcrita a seguir, que descreve o momento pós-ruptura, mostrando a sensação de êxtase e desequilíbrio que leva Hyung a ter pensamentos suicidas. Vemos também, nesta mesma cena, a personagem principal do romance (não analisada com tanta ênfase nesta pesquisa) em um estado completamente oposto ao dele, já que ela está tranquila, como se a abertura do casulo e a experiência do excesso lhe mostrassem que essa dilaceração a tenha favorecido. Observemos tal fragmento:

Na sacada, ela expôs os seios dourados e brilhantes por cima do gradil e abriu completamente as pernas, onde estavam pintadas pétalas alaranjadas. Parecia querer ser penetrada por um raio de sol ou pelo vento. Ele começou a ouvir a sirene da ambulância, que se aproximava, os gritos de espanto das crianças, as exclamações, o alvoroço dos vizinhos reunidos na rua. Também se ouviam passos apressados subindo as escadas. Ele podia correr para a sacada e se jogar por cima do gradil no qual Yeonghye estava apoiada. Podia cair do segundo andar e rachar a cabeça. Podia fazer isso. Só assim terminaria com tudo. Mas ficou pregado onde estava, como se aquele fosse o primeiro e o último instante de sua vida. Manteve o olhar fixo no corpo de Yeonghye, que parecia uma flor em chamas, resplandecendo como uma imagem mais intensa do que qualquer uma das cenas tomadas na noite anterior (Kang, 2018, p. 114).

Neste sentido, podemos aprofundar a nossa compreensão acerca dos conceitos trabalhados ao longo deste artigo, a saber: desequilíbrio consciente, perda de si, transgressão e o excesso, especialmente sob a ótica batailliana. Na cena apresentada no fragmento supra, podemos notar que esta é descrita com simbolismos e com as manifestações do desequilíbrio emocional e ontológico, que culminam em um momento de ruptura para as personagens envolvidas. No excerto, observamos Hyung sob um estado de profundo confronto interno, o que reflete o interdito descrito por Bataille (2023). Esta personagem, ao se deixar levar e ser consumido pelo desejo avassalador e incontrolável por sua cunhada, enfrenta um momento crítico de transgressão, tanto no plano físico quanto no emocional. Isso porque na cena anterior aqui apresentada, a esposa de Hyung flagra os dois na cama, o que agrava ainda mais o estado em que ele se encontra. Por outro lado, a imagem de Yeonghye, que se mostra como uma figura quase mitológica, com seus "seios dourados e brilhantes" e com "pétalas alaranjadas" pintadas no corpo, exhibe, pontualmente, o contraste existente entre os impulsos instintivos e a consciência racional. Portanto, pode-se afirmar que é precisamente nesse ponto que a transgressão se consuma, uma vez que o personagem em análise vislumbra a possibilidade de romper não apenas com os limites sociais e éticos, mas igualmente com as barreiras de sua própria existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, propomo-nos a analisar, com base especialmente nos estudos de Georges Bataille, a obra *A vegetariana*, de autoria de Han Kang. O desequilíbrio consciente, a perda de si e a transgressão estão intrinsecamente vinculados ao erotismo, pois é por meio deles que o indivíduo se aproxima de uma experiência interior que o dilacera e o transforma. O personagem Hyung experimenta todos os estágios – se é que podemos dizer que há – dessa ruptura, desde o ponto de ignição desse desejo até a transgressão, a qual podemos descrever como a "ruptura da crisálida", em que todo o seu ser é desafiado e a sua consciência objetiva é abandonada. Contudo, podemos notar que essa transformação não se dá sem a presença de dor. O desejo nutrido por Yeonghye, sua cunhada, e, posteriormente, a sua completa incapacidade de agir sobre tal desejo de maneira racional, culminam em pensamentos suicidas, que naquele momento simbolizavam a destruição de seu antigo "eu".

Ademais, observamos que o excesso, descrito por Dumoulié (2007), Silva e Silva (2024), Moraes (2023) e Bataille (2023) aparece tanto como uma força que estimula Hyung



para fora de si quanto como um catalisador de transformação. O momento em que ele tem a visão de Yeonghye enquanto "uma flor em chamas" resplandecente é uma metáfora intensa para o estado de êxtase e desequilíbrio que o próprio personagem experienciava naquele instante. Cumpre lembrar que esse excesso não é apenas uma manifestação quantitativa de emoções intensas, mas uma experiência qualitativa que redefine os limites da sua existência.

Outro ponto importante é que ao mesmo tempo em que analisamos o processo desequilíbrio consciente, a perda de si e a transgressão, o referido capítulo nos apresenta também um contraste marcante entre Hyung e Yeonghye. Enquanto ele é consumido pelo excesso e se encontra no estado que vimos no decorrer deste estudo, ou seja, incapaz de agir ou de se libertar de seus desejos e angústias, Yeonghye parece encontrar uma espécie de transcendência e, por meio da transgressão, encontra um estado de equilíbrio e paz, o que não ocorre nos outros capítulos da obra. Assim, ao abrir as pernas e expor-se ao sol e ao vento, desejando ser penetrada, ela parece ter alcançado um estado de harmonia e aceitação que contrasta profundamente com o tormento de Hyung – e com a própria Yeonghye em outros capítulos. Sendo assim, há um dualismo (podemos afirmar: eufórico e disfórico) que reforça a ideia de que a experiência do excesso e da transgressão pode levar a resultados opostos, a depender da forma como é vivenciada pelo indivíduo.

O capítulo ora analisado é um exemplo contundente da complexidade emocional e ontológica que permeia a obra de Han Kang, bem como dos conceitos de transgressão e excesso abordados por Bataille e por outros teóricos. A experiência de Hyung reflete a luta interna entre o desejo, o interdito e a possibilidade de transformação, ao passo que Yeonghye representa a libertação, que pode ser alcançada ao romper com as limitações da consciência objetiva. Tal dualidade nos convida a refletir sobre o papel do desequilíbrio e do excesso como forças que, embora dolorosas, podem levar a uma compreensão mais profunda e libertadora da essência humana.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BATAILLE, G. *O erotismo*. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.



DUMOULIÉ, C. M. *Tudo o que é excessivo é insignificante*. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n° 169, abr-jun. 2007.

KANG, H. *A vegetariana*. Trad.: Jae Hyung Woo. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.

MORAES, E. R. *A parte maldita brasileira: literatura. Excesso. Erotismo*. São Paulo: Tinta da China Brasil, 2023.

SILVA, N. M. da; SILVA, S. L. da. Fora do corpo não há salvação: o corpo-excesso em Hilda Hilst. REVELL - *Revista de Estudos Literários da UEMS*, [S. l.], v. 1, n. 37, p. 179-193, 2024. DOI: 10.61389/revell.v1i37.9052. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/9052>. Acesso em: 15 jun. 2025.

.

